

**UM COMENTÁRIO SOCIOLOGICO-POLÍTICO
SOBRE A CIDADE DE DEUS DE AGOSTINHO**

Antônio Henrique Campolina Martins¹

"Dois amores construíram duas cidades: a da terra, pelo amor de si mesmo, até o desprezo de Deus e a do céu, pelo amor de Deus, até o desprezo de si mesmo".²

O leitor de Agostinho conhece bem esta citação que resume a construção de uma moral política fundada numa utopia: a de Agostinho, ou a da fé cristã que almeja e que luta por um mundo mais justo do que o da sociedade. Esta é uma questão universal que situa Agostinho muito além da África romana de seu tempo e da Europa medieval. Seu mundo geo-histórico é paradigmático e polissêmico. Agostinho foi multicultural em sua época e o é, até hoje, através dos problemas que levantou e das respostas que propôs, problemas e resposta universais.

A decadência romana, o Império corrompido, os bárbaros dentro das fronteiras e os imperadores sucumbindo às paixões, este era o quadro histórico que Agostinho presenciava de sua Numídia natal e episcopal.³

Agostinho viveu o declínio da cultura, da civilização que havia sido a sua; assistiu, da África, a queda do Império Romano, a tomada de Roma por Alarico, em 410. Foi, pois, vivenciando a experiência de seus contemporâneos, pagãos e cristãos, extremamente confusos, os primeiros, batendo em retirada diante da invasão dos bárbaros e os outros, frívolos, sem a têmpera dos mártires, foi precisamente dentro desta condição histórica que Agostinho escreveu a Cidade de Deus⁴. Seus interlocutores não são abstratos, um público genérico, mas pessoas concretas, conhecidas, refugiados, que chegavam à África fugindo das invasões, cheios de medo e de mágoa, sem perspectiva, sem futuro. Roma, o símbolo de uma civilização, havia caído. Com a queda de Roma, caía também toda a esperança para o homem. A Cidade de Deus quer ser, pois, um procedimento retórico real para humanizar o homem e o salvar.

A estrutura desta obra⁵ é perfeita com um planejamento de catorze anos; foi publicada aos poucos e seu esquema é dual, com coerência e consistência perfeitas. A primeira parte é uma reflexão sobre o culto pagão; a segunda, uma teologia da

história. Em todo o texto o leitor se encontra com a antinomia das duas cidade: Babilônia é o lugar do cativo, o presídio; Jerusalém, o lugar da liberdade, da vida feliz. Duas cidades são assim duas formas de vida, duas maneiras de realizar a existência. Dois amores constituem dois modos distintos de construir a convivência entre os homens. As duas cidades são diferentes porque nascem de amores diferentes. Um amor luta para construir a cidade, a casa dos homens todos; o outro se fecha no egoísmo que oprime e domina os demais. A Cidade de Deus é querer sinceramente o bem, à imitação do Pai que concede a sua graça a todos, que cumula a todos com sua bênção e que só se deleita com a união de seus filhos. A origem da Cidade de Deus é, portanto, teológica e possui uma intersecção na existência histórica da sociedade. Ao contrário, a origem da cidade terrena é o apetite de domínio, de vingança, de soberba, gerando a guerra e o extermínio, a confusão e o caos. A paz é a consequência da concórdia total entre os que mandam e os que obedecem. Tanto quem manda quanto quem obedece deve amar e buscar a paz, a tranquilidade na ordem, a feliz disposição de todos no todo, a justiça em todas as suas dimensões. Só quem ama retamente chega à paz e alcança a virtude. Esta é o amor verdadeiro feito obra. A satisfação que só busca o próprio interesse é sem consistência e falsa, transitória e vazia, não leva a lugar algum, "morre em si mesma" porque em si mesma já é morta"⁶.

A partir de uma leitura residual da Cidade de Deus, se depreende uma visão de história como construção do Reino. Para Agostinho, a história não é cíclica, como os Gregos a concebem, mas é bíblica e, portanto, linear. Agostinho parte de um acontecimento que ocorreu uma única vez na história, a Encarnação do Cristo. Este evento quebra a síntese do eterno retorno e inaugura um fim para a história. Não caminhamos para trás, sonhando com o paraíso perdido, mas para a frente, vivendo um tempo cheio de sentido, com formas, pleno, um presente contínuo, o tempo da graça. A história não é encontro sem significado, mas o tempo da salvação. Nossa obrigação é, portanto, construí-la, nossa tarefa é realizá-la. Viver o tempo é viver a vida e a sabedoria consiste em vivê-la devidamente. É verdade que o sentido da história não nos é comunicado imediatamente. O futuro é construído a partir do presente. O que se descortina diante de nossos olhos não nos pertence, é dom, é graça, é mistério, por isso o sentido da história não é visível. História é desafio; neste tempo preciso, nesta cadeia dialética grávida de prós e de contras, neste nosso agora cheio de senões se dá a salvação, a graça, a proposta de Deus e a nossa resposta pela construção da cidade. É

assim que a história cheia de debilidades, de fraquezas, de misérias de cada indivíduo e de cada geração se transforma no Reino de amor e de paz que Deus quer para o seu povo.

O caráter espiritual da Cidade de Deus é patente no pensamento de Agostinho. Não se trata aqui, contudo, de uma teologia para gerir teocraticamente a sociedade. A cidade terrestre possui a sua autonomia, esta pode ser, como já o dissemos, tanto a oposição a Deus quanto o lugar onde se coloca em prática uma ordem de coisas segundo a sua vontade.

Em nosso mundo contemporâneo as sociedades se instalam entre uma existência sem referência, sem escatologia, sem utopia e uma ordem transcendental fechada e imposta pelo seus detentores. Ora, Agostinho é aqui, na Cidade de Deus, o crítico contundente deste dilema dualista; ensina-nos que a ação de Deus se encontra no mundo, na medida em que os homens se humanizam. Quando reinam a justiça e o amor verdadeiro entre os homens, a alma de toda civilização e o fundamento da paz, a Cidade de Deus acontece.

Notas

(1) Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, Itália. Professor de Filosofia Medieval (Departamento de Filosofia) UFJF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião UFJF.

(2) A Cidade de Deus XIV, 28, sob a direção de J. DIAS PEREIRA, Lisboa, 1995

(3) Ver as obras monumentais dos dois célebres historiadores de Agostinho André MANDOUZE e Henri MARROU. Ver também o belíssimo livro (Fotos arqueológicas) de Sabah FERDI, Augustin de retour en Afrique, Tipasa-Algérie/Fribourg-Suisse, 2000.

(4) Magnum opus et arduum.

(5) Agostinho encontrou o nome para esta sua obra no Sl 87,3: "De ti disseram coisas gloriosas, ó Cidade de Deus".

(6) A Cidade de Deus II, 20.